

MARQUÊS DE SADE  
EUGÉNIE  
DE FRANVAL

Traduzido do francês por  
Pedro Tamen



Instruir o homem e corrigir-lhe os costumes, eis o único fim a que nos propomos nesta história. Oxalá os que a lerem se deixem penetrar pela grandeza do perigo que sempre persegue os que tudo se permitem para satisfazer os seus desejos. Oxalá se convençam de que a boa educação, as riquezas, os talentos, os dons da natureza, nada mais fazem do que levar à perdição quando não são apoiados ou valorizados pela moderação, pelo bom comportamento, pela sensatez e pela modéstia: eis as verdades que vamos pôr em acção. Que nos perdoem os monstruosos pormenores do crime horrendo de que somos obrigados a falar: pois será possível tornar detestados semelhantes desvarios se não tivermos a coragem de os mostrar a nu?

Raro é que tudo concorra num mesmo ser para o levar à prosperidade. Se é favorecido pela natureza, a fortuna recusa-lhe os seus dons; se esta o cumula dos seus favores, terá sido a natureza a

maltratá-lo: parece que a mão do céu pretendeu, tanto em cada indivíduo como nas suas mais sublimes operações, fazer-nos ver que as leis do equilíbrio são as primeiras leis do universo, as que regulam ao mesmo tempo tudo o que acontece, tudo o que vegeta e tudo o que respira.

Franval, que vivia em Paris, onde nascera, possuía, com quatrocentas mil libras de rendimento, um belíssimo porte, um rosto muito agradável e variadíssimos talentos; mas sob essa aparência sedutora ocultavam-se todos os vícios, e, infelizmente, aqueles cuja adopção e hábito tão prestes levam aos crimes. Uma desordem de imaginação, além de tudo o que se possa descrever, era o primeiro defeito de Franval, e desse ninguém se corrige; a diminuição das forças soma-se aos seus efeitos; quanto menos se pode, mais se tenta; quanto menos se actua, mais se inventa; cada idade traz consigo novas ideias, e a saciedade, longe de esfriar, apenas prepara mais funestos refinamentos.

Como dissemos, todos os encantos da juventude, todos os talentos que a adornam, possuía-os Franval em profusão; mas, cheio como estava de desprezo pelos deveres morais e religiosos, tornara-se impossível aos seus mestres levá-lo a adoptar qualquer deles.

Num século em que os livros mais perigosos estão nas mãos das crianças tanto como nas dos seus pais e preceptores, em que a temeridade do sistema passa por filosofia, a incredulidade por força, a libertinagem por imaginação, riam-se do espírito do jovem Franval; nem um só instante passava depois de o repreenderem, e logo o elogiavam. O pai de Franval, grande partidário dos sofismas da moda, era o primeiro a estimular o filho a pensar *solidamente* sobre todas essas matérias; emprestava-lhe até as obras que mais depressa o podiam corromper: que mestre, depois disto, ousaria inculcar princípios diferentes dos da casa onde era obrigado a agradar?

Fosse como fosse, Franval perdeu os pais muito novo, e, com a idade de dezanove anos, um velho tio, que morreu igualmente pouco depois, entregou-lhe, ao casá-lo, todos os bens que um dia haveriam de lhe pertencer.

O Senhor de Franval, com tal fortuna, havia de encontrar facilmente com quem casar; apresentaram-se uma infinidade de partidos, mas como havia suplicado ao tio que lhe desse apenas uma jovem mais nova do que ele, e com o mínimo possível de relações, o velho, para satisfazer o sobrinho, lançou os seus olhares sobre uma tal Menina de Farneille,

de uma família de financeiros, que somente tinha a mãe, em boa verdade ainda nova, mas sessenta mil libras de rendimento bem reais, quinze anos e o rosto mais delicioso que havia então em Paris... uma daquelas figuras de virgem onde se espelham ao mesmo tempo a candura e a amenidade, sob os traços delicados do Amor e das Graças... belo cabelo louro que lhe flutuava até abaixo da cinta, grandes olhos azuis onde respiravam a ternura e a modéstia, compleição delicada, elástica e ligeira, a pele do lírio e a frescura das rosas, cheia de talentos, uma imaginação vivíssima, mas um tanto triste, um pouco dessa suave melancolia que leva a amar os livros e a solidão; tudo atributos que a natureza apenas parece conceder aos indivíduos que a sua mão destina aos infortúnios, como que para lhes tornar menos amargos, através daquela volúpia sombria e tocante que experimentam ao senti-los e que os fazem preferir as lágrimas à alegria frívola da felicidade, bem menos activa e bem menos penetrante.

A Senhora de Farneille, que tinha trinta e dois anos quando a filha casou, possuía igualmente espírito, encantos, mas talvez reserva e severidade um pouco excessivas. Desejando a felicidade da sua única filha, consultara Paris inteira sobre aquele

casamento; e porque já não tinha pais e, como conselheiros, apenas possuía alguns daqueles frios amigos para quem tudo é indiferente, convenceram-na de que o rapaz que lhe propunham para a filha era sem qualquer dúvida o que de melhor poderia encontrar em Paris, e de que faria uma imperdoável extravagância se perdesse aquele acordo, o qual, por conseguinte, se fez, e os jovens, com dinheiro bastante para terem a sua própria casa, nela se instalaram desde os primeiros dias.

Não entrava no coração do jovem Franval qualquer desses vícios de leviandade, desregramento ou desatino que impedem um homem de estar formado antes dos trinta anos; contando muito bem consigo mesmo, amante da ordem, perfeitamente entendido na administração de uma casa, Franval possuía para essa parte da felicidade da vida todas as qualidades necessárias. Os seus vícios, de um género absolutamente diferente, eram muito mais os delitos da idade madura do que as inconseqüências da juventude: arte, intriga... maldade, perfídia, egoísmo, muita política, velhacaria e, sobre tudo isso, um véu, não apenas das graças e dos talentos de que falámos, mas até de eloquência... de imenso espírito e de aparência exterior muitíssimo sedutora. Tal era o homem que vamos pintar.

A Menina de Farneille, que, segundo o uso, conhecera o seu esposo quando muito um mês antes de se ligar a ele, iludida pelos seus falsos adornos, deixara-se enganar; os dias não eram suficientemente longos para o prazer de o contemplar, idolatrava-o, e a tal ponto que seria de temer por aquela jovem se alguns obstáculos viessem perturbar as doçuras de um himeneu onde, dizia ela, encontrava a única felicidade dos seus dias.

Quanto a Franval, filósofo a propósito das mulheres como de todos os outros assuntos da vida, fora com a melhor das fleumas que encarara aquela encantadora criatura.

— A mulher que nos pertence — dizia ele — é uma espécie de indivíduo a que o uso nos sujeita; tem de ser mansa e submissa... muito sensata: não que eu ligue muito aos preconceitos da desonra com que uma esposa, quando imita as nossas desordens, nos pode assinalar, mas a verdade é que não gostamos de que outro se lembre de nos arrebataram os nossos direitos; tudo o resto, perfeitamente indiferente, nada mais acrescenta à felicidade.

Com tais sentimentos num marido, é fácil augurar que não são rosas que esperam a infeliz jovem que lhe vai estar ligada. Honesta, sensível, bem-educada e disposta a voar por amor antecipando-se

aos desejos do único homem que a ocupava no mundo, a Senhora de Franval arrastou as grilhetas nos primeiros anos sem suspeitar da sua escravatura; era-lhe fácil ver que não fazia mais do que andar ao rebusco nos campos do himeneu, mas muito feliz ainda com o que lhe sobrava; a sua exclusiva ocupação, o seu mais rigoroso cuidado, era que, naqueles curtos momentos que concedia à sua ternura, Franval pudesse encontrar ao menos tudo o que ela julgava necessário à felicidade daquele esposo idolatrado.

Porém, a melhor de todas as provas de que Franval nem sempre se afastava dos seus deveres foi que, logo no primeiro ano do casamento, sua mulher, que tinha então dezasseis anos e meio, deu à luz uma menina ainda mais bela do que a mãe, e a que o pai deu no mesmo instante o nome de Eugénie... Eugénie, horror e milagre da natureza ao mesmo tempo.

O Senhor de Franval, que logo que aquela criança viu a luz certamente concebeu para ela os mais odiosos desígnios, separou-a imediatamente da mãe. Até à idade dos sete anos, Eugénie foi entregue a mulheres da confiança de Franval, que, limitando os seus cuidados a formar-lhe um bom temperamento e a ensiná-la a ler, se guardaram

cuidadosamente de lhe dar quaisquer conhecimentos dos princípios religiosos ou morais com que uma menina dessa idade deve comumente ser instruída.

A Senhora de Farneille e a filha, muito escandalizadas com este comportamento, censuraram-no ao Senhor de Franval, o qual respondeu fleumaticamente que, uma vez que o seu projecto era tornar a filha feliz, pretendia não lhe inculcar quimeras, que apenas serviam para assustar os homens sem nunca lhes ser de utilidade; que uma menina que apenas tinha de aprender a agradar podia o melhor possível ignorar tolices, cuja fantástica existência, perturbando-lhe o repouso da vida, lhe não daria nem mais uma verdade ao seu moral, nem mais uma graça ao seu físico. Tais palavras desagradaram sobremaneira à Senhora de Farneille, que tanto mais se aproximava das ideias celestes quanto mais se afastava dos prazeres deste mundo: a devoção é uma fraqueza inerente aos tempos da idade ou da saúde. No tumulto das paixões, um futuro de que nos julgamos muito longe pouco nos inquieta habitualmente, mas quando elas não falam tão alto... quando avançamos para o fim... quando, enfim, tudo nos abandona, lançamo-nos no seio do Deus de que ouvimos falar na infância, e se, segundo a

filosofia, essas segundas ilusões são tão fantásticas como as outras, não são, ao menos, tão perigosas como elas.

Pois que a sogra de Franval já não tinha parentes... tinha pouco crédito por si mesma e, quando muito, como dissemos, alguns daqueles amigos de circunstância... que fogem se os pomos à prova; pois que tinha de lutar contra um genro amável, jovem, bem-colocado, imaginou muito judiciosamente que era mais simples limitar-se a fazer observações do que enveredar por caminhos de rigor, com um homem que arruinaria a mãe e aprisionaria a filha se se atrevessem a medir-se com ele: e, assim, algumas admoestações foi tudo o que arriscou, e calou-se mal viu que isso não levava a nada.

Franval, seguro da sua superioridade, apercebendo-se bem de que o receavam, não tardou a deixar de se incomodar fosse com o que fosse, e, contentando-se com um leve véu, simplesmente por causa do público, caminhou a direito para o seu horrível objectivo.

Quando Eugénie atingiu a idade dos sete anos, Franval levou-a até junto da mulher; e aquela terna mãe, que não pudera ver a filha desde que a dera à luz, insaciável de carícias, teve-a duas horas apertada contra o peito, cobrindo-a de beijos, inundando-a